REPRESENTAÇÕES DA ÁFRICA COLONIAL NA *PANORAMA: REVISTA PORTUGUESA DE ARTE E TURISMO* (1941-1944)

REPRESENTATIONS OF COLONIAL AFRICA IN THE *PANORAMA: A PORTUGUESE ART AND TOURISM MAGAZINE* (1941-1944)

Luiz Antônio Contatori Romano[1]

1 Professor de Literatura na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), Doutor em Teoria e História Literária pela Unicamp.

DOI: 10.11606/va.v26.n1.2025.216155

Resumo: O objetivo deste estudo é analisar cinco textos de autores portugueses que tratam de representações de populações africanas colonizadas por Portugal, além de uma propaganda do café colonial, todos eles publicados na *Panorama: revista portuguesa de arte e turismo*, entre os anos de 1941 e 1944, no contexto do Estado Novo salazarista. A revista *Panorama* era uma publicação do SPN, encarregado, entre outras funções, de promover o turismo como forma de propaganda do regime de Salazar, para isso contava com a colaboração de escritores, artistas e ensaístas portugueses.

Palavras-chave: revista *Panorama*, Estado Novo português, África portuguesa, representação.

Abstract: The aim of this study is to analyse five texts by Portuguese authors that deal with representations of African populations colonised by Portugal, as well as an advertisement for colonial coffee, all of which were published in *Panorama: a Portuguese art and tourism magazine*, between 1941 and 1944, in the context of Salazar's Estado Novo. The magazine Panorama was a publication of the SPN, charged, among other things, with promoting tourism as a form of propaganda for the Salazar regime, and to this end it had the collaboration of Portuguese writers, artists and essayists.

Keywords: *Panorama* magazine, Portuguese Estado Novo, Portuguese Africa, representation.

1 Introdução

Pretende-se analisar como eram representadas as colônias africanas em artigos da *Panorama: revista portuguesa de arte e turismo*, publicada pelo Secretariado de Propaganda Nacional (SPN) do Estado Novo português (1933-1974). O SPN foi dirigido, desde sua criação em 1933 até 1949, por António Ferro (1895-1956), inicialmente escritor ligado às vanguardas modernistas em Portugal, depois simpatizante de Mussolini e colaborador de Salazar.

O SPN, que a partir de 1944 passou a se chamar Secretariado Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo (SNI), tinha funções relativas ao controle da imprensa, das artes, da radiodifusão, da divulgação do turismo e exercia uma espécie de mecenato de intelectuais e artistas visando atrair colaboradores para projetos culturais e turísticos, instrumentalizados como propaganda do regime.

Para este estudo, foram selecionados cinco textos e uma propaganda do Café Colonial, publicados entre 1941 e 1944, que tematizam as colônias portuguesas na África. Esses textos foram escritos pelos portugueses: Augusto Cunha (1894-1947), Castro Soromenho (1910-1968), António de Navarro (1902-1980), José Osório de Oliveira (1900-1964) e Albano Neves e Sousa (1921-1995). Situam-se no contexto de uma política colonial portuguesa que se auto reconhecia como dotada de uma função ci-

vilizadora na África. O discurso oficial do regime salazarista compreendia o mundo colonial como parte integrante de Portugal, o que era ecoado por intelectuais e artistas nas páginas da *Panorama*.

Nessa revista, havia também um empenho em apresentar as colônias africanas como destinos turísticos ou de emigração no esforço de o regime legitimar o suposto papel civilizador do processo de colonização. Sob esse propósito, eram apresentadas paisagens, animais dignos de serem observados ou caçados e uma população *exótica*, sob o olhar europeu, a que o turista poderia ter acesso a partir das estruturas civilizacionais construídas pelo governo colonial português na África, tais como rodovias, ferrovias, linhas aéreas, marítimas e centros urbanos que garantiam o conforto do viajante ou poderiam oferecer recursos para aqueles portugueses que quisessem emigrar para as colônias.

A revista *Panorama*[2] está digitalizada e pode ser acessada no site da Hemeroteca Digital de Lisboa, com apoio da Fundação António Quadros. É ilustrada com imagens fotográficas e reproduções de obras de artistas portugueses. Devido à importância dessas ilustrações, alguns artigos e a propaganda do Café Colonial serão analisados levando-se em conta a relação entre textos e imagens.

Os textos selecionados não serão tratados em se-

2 Disponível em: https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/Panorama/Panorama.htm.

quência cronológica, mas seguirão uma ordenação temática. As referências a esses textos serão feitas pelo nome da revista *Panorama*, ano de publicação, número da edição e número da página, referente à versão digital em pdf disponibilizada on-line pela Hemeroteca de Lisboa.

2 O SPN e a Política do Espírito

A Política do Espírito, idealizada por António Ferro ao assumir o SPN, intencionava a elevação moral e estética do povo português. Para esse fim, de acordo com Victorino (2018, p. 12-13), pretendia-se valorizar "monumentos arquitetônicos do passado" e "aspectos tipificados de costumes tradicionais rurais", com o objetivo "de trazer à consciência dos portugueses uma suposta grandeza de sua história, ao mesmo tempo em que se pretendia tornar presente esse passado grandioso". Cândida Cadavez (2013, p. 10) acrescenta que, sob a gestão de Ferro no SPN/SNI, "o Estado Novo teatralizou e institucionalizou a 'portugalidade'" por meio de uma campanha intensa de divulgação "de uma 'Nação' que impunha a partilha de um imaginário alegadamente comum a todos os portugueses, composto fundamentalmente por histórias gloriosas e passadas, e por elementos representativos de uma cultura designada como popular".

A divulgação do passado glorioso e da cultura popular estava vinculada a uma política para incrementar o turismo nacional, que pretendia conduzir os portugueses a conhecer melhor seu próprio país sob um viés nacionalista e conservador. Nesse contexto, as colônias africanas eram consideradas extensão de Portugal e nelas o viajante, ou o leitor da *Panorama*, poderia reconhecer as contribuições que Portugal lá introduzia a fim de elevar a condição civilizacional de povos considerados inferiorizados, que o regime supostamente abraçava como sendo *portugueses* da África.

3 Aportes conceituais

Machado e Pageaux (1988) estudam as imagens do estrangeiro veiculadas em textos literários. Definem essas representações como um conjunto de ideias incluídas em um processo de literarização e de socialização, o que pode esclarecer o funcionamento de uma ideologia: racismo, exotismo etc. Para Machado e Pageaux (1988, p. 59-60), "sendo representação, a imagem é necessariamente falsa", e o estereótipo é sua forma corrente. O estereótipo se apoia "num atributo e o generaliza a ponto de o tornar aparentemente essencial".

Na escrita literária, a imagem do estrangeiro se forma por meio de escolhas vocabulares, de rela-

ções hierarquizadas e da construção dos cenários. Machado e Pageaux (1988, p. 69-70) consideram que "para elaborar uma 'imagem' do estrangeiro, o escritor não tem, como se sabe, que copiar o real: selecionam um certo número de características, de elementos considerados pertinentes para a 'sua' representação do estrangeiro". A partir dessas reflexões, Machado e Pageaux (1988, p. 73-77) elencam quatro atitudes que regem a representação social do estrangeiro por um autor literário. A primeira delas é quando "a realidade cultural estrangeira" é considerada "como sendo absolutamente superior à cultura nacional de origem", atitude que chamam de "mania". Na segunda, a que chamam de "fobia", "a realidade cultural estrangeira" é representada como inferior ou negativa em relação à cultura de origem do escritor. Na terceira, chamada de "filia", a cultura estrangeira assume uma forma positiva, em condições de igualdade, embora possa ser diferente, em relação à cultura de origem do autor. Por último, a atitude "cosmopolita", em que "não se põe o problema do juízo positivo ou negativo, pelo menos aparentemente, de maneira imediata".

É preciso esclarecer que, exceção feita ao conto "Batuque", de Albano Neves e Sousa, os textos aqui analisados são predominantemente informativos ou de propaganda. No entanto, todos eles envolvem representações de terras e povos africanos

por meio da construção de estereótipos, de relações culturais hierarquizadas e de *cenários* por autores portugueses.

O estudioso de Literatura de Viagens, Fernando Cristóvão (2002, p. 38-51), contribui com a definição de cinco tipos de viagens e de viajantes que lhes correspondem. As viagens de peregrinação, em que, o viajante busca uma "comunhão com o Divino". As viagens de comércio, cujos textos surgem "a propósito de relatar-se a abundância das terras descobertas, ou quando se exalta o esplendor das suas riquezas". As viagens de expansão, que podem ser de expansão política, da fé ou científica, a partir das quais teria se generalizado "a ideia simplista de que [...] a África [era] o continente da tristeza e da desgraça". As viagens de erudição, de formação e de serviço, centradas na procura de conhecimentos. E, por fim, as viagens imaginárias, em cujos relatos "ao real cabe o papel de ornamento".

No entanto, se os colonizadores portugueses na África poderiam ser considerados viajantes peregrinos, comerciantes, exploradores ou eruditos, que visavam se estabelecer, ao menos temporariamente, em solo africano, o turista para quem se dirige a revista *Panorama* toma a viagem como um fim em si mesmo e não como meio para alcançar determinado objetivo comercial, político, religioso ou de conhecimento. Cabe, por isso, mencionar

reflexão do ensaísta e poeta alemão Hans-Magnus Enzensberger (1985, p. 210-211), em que distingue a viagem como meio para atingir determinado fim, seja ele religioso, comercial, político, militar ou de estudos, da viagem turística, que tem seu fim em si mesma e pretende ser um momento de ruptura com o tempo da rotina do trabalho. O turista buscaria, no conforto e proteção dos meios de transporte e dos serviços de restauração e hotelaria modernos experimentar "a História como Museu ou a Natureza como Jardim Botânico." (Enzensberger, 1985, p. 223)

As representações da África portuguesa na revista *Panorama* envolviam estereótipos do *exotismo*. Nesse sentido, Ernst Bloch (2005, p. 361) é outro ensaísta alemão que contribui com reflexões sobre a relação entre o viajante e a terra por ele considerada como exótica:

> [...] na terra estrangeira nada há de exótico além do próprio estrangeiro que a visita; este, porém, como entusiasta burguês, num primeiro momento nem se dá conta do cotidiano da terra estrangeira, muito menos quer ver a miséria que há nela, e que não cumpre a promessa de mudança para um mundo de beleza; ele vê na terra estrangeira, com um subjetivismo muitas vezes funesto, a imagem que seu desejo pessoal tinha dela e que trouxe consigo.

Na experiência da viagem, o tempo se transmuta no espaço que se move e se modifica, o que se acelerou a partir do século XIX, com a invenção do

trem expresso. Este se desloca em alta velocidade, por caminhos onde o viajante não é importunado por eventuais perigos. Mas, como consequência, "a bela terra estrangeira foi falsificada em festança pequeno-burguesa durante as férias." (Bloch, 2005, p. 365)

4 Panorama africano

O artigo "Panorama africano", do escritor português Augusto Cunha, introduz a visão do regime salazarista sobre a suposta obra humanística que Portugal realizava em África. Cunha se propõe a tratar das riquezas, belezas e potencialidades turísticas do vasto mundo ultramarino, para tanto, personifica Portugal, como "turista infatigável", que "há muitos séculos percorre o mundo", com "olhos sequiosos de beleza e do seu espírito de aventura", tendo iniciado "bem cedo a sua maravilhosa peregrinação" (*Panorama*, 1944, nº 21, p. 26). O que teria motivado esse viajante-peregrino em sua empreitada foram valores humanísticos:

> Convencido do grande serviço que prestava à humanidade, foi sulcando os mares, estudando os caminhos e as rotas, percorrendo os continentes, desvendando todos os mistérios, descobrindo todas as terras e regiões desconhecidas, para poder apresentar e oferecer pôr fim ao mundo um grandioso e rico mostruário de possibilidades e de valores. (*Panorama*, 1944, nº 21, p. 26-27)

E desse "inestimável serviço", que Portugal presta ao mundo, Cunha considera que "ele guardou apenas para si uma pequena parte" (*Panorama*, 1944, nº 21, p. 27). Cunha associa Portugal, enquanto "turista infatigável", não ao viajante da expansão colonial que serve ao Estado e tampouco ao viajante-missionário que serve à fé religiosa, mas ao peregrino, viajante, às vezes solitário, que busca o encontro subjetivo com a espiritualidade, tal como o define Cristóvão (2002). Na visão de Cunha, esse "peregrino" põe a si mesmo a tarefa da missão colonizadora na África quase sem proveito próprio.

Coerente com a proposta de divulgação do regime salazarista por meio do turismo, Cunha acrescenta: "Esse vasto mundo africano, cheio de possibilidades e de promessas, constitui só por si o campo inesgotável para a maior expansão de turismo de um país." (*Panorama*, 1944, nº 21, p. 33). E assim descreve as possibilidades de turismo na África:

> As caçadas às mais variadas espécies com os seus lances emocionantes e os seus imprevistos, a escalada às grandes altitudes, às mais altas montanhas, com os arriscados prazeres do alpinismo e dos largos horizontes, as óptimas estradas para os longos percursos, para a vertigem das velocidades e das distâncias sem fim, a visão das grandes quedas de água e dos rios caudalosos, a incomensurável vastidão dos desertos na sua aridez impressionante e nas suas miragens perturbadoras, a variedade infinita das populações das mais diversas raças - verdadeiro mostruário etnográfico - em todo o pitoresco dos seus costumes e dos seus mistérios impenetráveis, no exotismo dos seus dialectos e dos seus ritos, das suas músicas, danças e batuques, de todas as suas insuspeitadas manifestações de arte e de bom

> gosto, das suas tendências, usos e tradições. (*Panorama*, 1944, nº 21, p. 73)

Descrita a exuberante natureza e "o mostruário etnográfico" africano, Cunha introduz o papel de Portugal: as "prósperas indústrias", a "exploração de todas as riquezas do subsolo", as "largas roças", que demonstram seu "grande esforço colonizador". Por fim, "a larga rede de estradas, de vias férreas e de carreiras aéreas", além "das estações radiotelegráficas", o aparelhamento dos portos, os serviços públicos e "a grande obra de instrução e de cultura" compõem o painel da "humaníssima cruzada de assistência às populações" (*Panorama*, 1944, nº 21, p. 73), que Portugal prestaria à África, o que possibilitaria conforto aos povos autóctones, aos colonos e aos turistas.

A hierarquização que Cunha delineia nas relações entre portugueses e africanos traduz-se, em termos materiais, nos recursos civilizacionais modernos que os primeiros introduzem na África para benefício dos povos autóctones, até então destituídos desses bens. A essa superioridade em nível tecnológico e social, associa-se também a visão de *exotismo* do colonizador sobre o colonizado, o que é ilustrado em uma fotografia que mostra um rapaz negro, ajoelhado, empunhando um arco e flecha. O torso de outro homem negro se vê ao fundo, entre folhagens, também com arco e flecha nas mãos,

aparentemente estão em atividade de caça. Esses caçadores africanos se misturam às folhagens e à paisagem da selva. Assim, a terra, as características físicas e culturais do africano poderiam interessar ao desenvolvimento do turismo, pois as raças diversas, com seus costumes, são oferecidas como mostruário para o turista. Outra fotografia contribui para o leitor ver essa África pitoresca: mostra um grupo de mulheres em trajes tradicionais, com seios à mostra. Tem a seguinte legenda: "Os tipos indígenas possuem, conforme a região e as tribos, caracteres absolutamente distintos, mesmo na sua exígua indumentária, nas tatuagens e nos adornos. Repare-se nas expressões másculas e na sobriedade dos penteados dessas mulheres de Bolama (Guiné)." (*Panorama*, 1944, nº 21, p. 28). Assim, fotografias, legendas e descrições textuais contribuem para a representação de uma África *exótica*. Apesar da diversidade étnica e cultural, em "manifestações de arte e de bom gosto", reconhecidas por Cunha, tratar-se-ia, nos termos de Machado de Pageaux (1988) de uma visão predominantemente fóbica em relação à África colonial, à medida que a natureza e os povos que lá habitam apenas podem ser *admirados* a partir da intervenção civilizadora de Portugal.

5 Angola

Fernando Monteiro de Castro Soromenho foi um escritor português, nascido em Moçambique, que viveu em Angola, Portugal e Brasil. Por se tornar crítico do salazarismo, Soromenho se exilou na França, posteriormente nos Estados Unidos e no Brasil, onde foi professor na USP e na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Araraquara.

"Angola, legenda da paisagem africana" é um artigo de Soromenho escrito em estilo que lembra os relatos dos viajantes renascentistas. Soromenho narra a chegada dos portugueses à boca do rio Zaire, em 1482, e a expansão colonial pelas florestas de Angola. Para ele, "toda essa paisagem nos revela um mundo portentoso" (*Panorama*, 1941, nº 1, p. 43). Situa o habitat do povo lunda, no que ele diz ser o "coração da África Negra":

> Ali, a natureza não foi trabalhada, - só se mutilou a floresta para abrir a clareira onde se erguem os burgos do homem branco, do colono, - não se amenizou a paisagem, não se construíram mirantes para o turista se debruçar. Toda a paisagem é primitiva e bárbara, seja montanha ou terra nua, mas cheia de beleza forte, impressionante, que ora nos dá uma sensação de deslumbramento, ora nos amesquinha com sua imponente grandeza. (*Panorama,* 1941, nº 1, p. 44)

Reproduzindo o estereótipo da África como "o continente da tristeza e da desgraça", que, segundo Cristóvão (2002, p. 44), se propagou a partir das viagens de expansão colonial, Soromenho constrói

uma imagem do homem negro, "sempre estranho, agarrado à terra [...] e aos feitiços que velam por sua vida sombria." (*Panorama,* 1941, nº 1, p. 44), situando-o no interior da selva:

> A vida do bárbaro, em plena selva, é primitiva. Ele escuta, o ouvido colado à terra, os rumores da selva, a marcha das feras e dos homens, e ouve, pávido, os olhos em fogo, as vozes das gentes sofredoras e de batuques infernais nas profundezas dos lagos lendários, onde a tradição lhe diz que vivem povos amaldiçoados pelos deuses. (*Panorama,* 1941, nº 1, p. 45)

Em visão filtrada pelo romantismo, Soromenho entrelaça o homem negro, fadado a um "destino miserando", e a selva onde habita e leva "uma vida sem igual no mundo, plena de atractivos, onde o homem, entregue a si mesmo, se abisma na barbárie ou se diviniza" (*Panorama*, 1941, nº 1, p. 45). Essa interação, entre homem primitivo e selva, que é *exótica* sob o olhar do europeu, torna-se acessível a partir da chamada obra civilizatória na "Angola lusitanizada, onde o colono ergueu cidades e vilas"; construiu "40.000 quilómetros de estradas de rodagem" (*Panorama,* 1941, nº 1, p. 45). De lá também partem as estradas de ferro:

> Largam dos portos do mar para as grandes jornadas através de regiões que a cada volta do caminho oferecem ao viajante paisagens diferentes, como se toda a natureza angolana fosse um filme a desenrolar-se aos olhos do turista descuidado que se emoldura na janela da carruagem que o leva ao alto da serra da Cheia, miradoiro a 2.300 metros [...]. As feras fugiram para o dédalo das florestas, apavoradas

> com o apito das locomotivas a magoar-lhes os ouvidos, as luzes dos faróis a castigar-lhes os olhos em brasa, e nos céus o barulho dos aviões a sacudi-las de terror. E o homem negro abeirou-se dos novos caminhos e ergueu suas aldeias junto às cidades e vilas que o português foi edificando do litoral às fronteiras. (*Panorama,* 1941, nº 1, p. 45)

As escolhas vocabulares permitem demarcar a oposição entre duas partes do texto. Para descrever a selva de Angola, Soromenho diz que essa "paisagem é primitiva e bárbara", e o homem negro, "sempre estranho", que nela vive, é "agarrado a feitiços em sua vida sombria", também "bárbara" e "primitiva", como o habitat ao qual está ligado, onde também vivem as "feras"; trata-se de uma "gente sofredora", que produz "batuques infernais"; seriam "povos amaldiçoados pelos deuses"; o negro teria um "destino miserando", é um homem que "se abisma na barbárie". No ambiente selvagem ao qual o homem negro estaria originariamente integrado, "não se construíram mirantes para o turista se debruçar". Nesse ponto, há uma inflexão no texto, cujo autor passa a descrever as benesses introduzidas pelos portugueses: "colono ergueu cidades e vilas", construiu "40.000 km" de rodovias, trens que percorrem regiões em "grandes jornadas". Assim, assustadas pelo ruído dos modernos meios de transporte, as "feras fogem" e o homem negro pode erguer "suas aldeias junto a cidades e vilas" que o português edificou. Além de proporcionar aos africanos a possibilidade de viverem à sombra das ur-

bes portuguesas e distantes do suposto perigo das feras, essa obra *civilizacional* favoreceria também o turismo. Se no interior da selva não há "mirantes para o turista", as estradas oferecem ao viajante o deslumbramento de "paisagens diferentes" e "miradoiros", além do espetáculo *exótico* dos tipos humanos africanos, tudo isso através de uma protegida janela de vidro de um trem em movimento, apenas para o encantamento do olhar. Como diria Bloch (2005, p. 365), o trem se desloca em alta velocidade pela "bela terra" de Angola, porém "falsificada em festança pequeno-burguesa durante as férias", para deleite turístico.

A paisagem e os tipos humanos africanos são mostrados em três fotografias. Na primeira, vê-se um escultor negro de origem lunda; a segunda, mostra quedas d'água do rio Chiumbe e na terceira, são retratadas mulheres com adornos e trajes, que deixam os seios à mostra. Assim, estariam representadas a arte do "homem bárbaro", a portentosa natureza à qual os turistas podem aceder, protegidos por modernos meios de transporte, e o *exotismo* e a sensualidade das mulheres locais.

Nesse artigo, Soromenho procura recriar o primeiro olhar no contato do viajante europeu com terras e povos então desconhecidos, próprio de relatos da Literatura de Viagens renascentista. Olhar chamado de ingênuo, sob a perspectiva do deslum-

bramento, por Pinto-Correia (2003, p. 17-18): "A novidade, a grandeza ou a beleza das paisagens e gentes parecem não poder ser avaliadas, pelo menos num primeiro momento, por qualquer outra preocupação senão a de contemplar, presenciar e anotar". Essa perspectiva marcada pelo deslumbramento no primeiro olhar do viajante com a qual Soromenho pretende seduzir o turista evidencia-se no próprio título de seu texto: "Angola, legenda da paisagem africana", que supõe certo tom fantasioso na composição de imagens de Angola e da intervenção colonial portuguesa.

6 Moçambique

"Jardim português às portas do Oriente - Lourenço Marques" é um artigo escrito pelo poeta António de Navarro, que foi funcionário administrativo em Lourenço Marques, atual Maputo. Em Portugal, fez parte das vanguardas modernistas, foi colaborador da revista *Presença* (1927-1940) e a ele Almada Negreiros dedicou, em 1932, um retrato, que hoje compõe o acervo do Centro de Arte Moderna Gulbenkian[3].

Navarro descreve a capital de Moçambique, seus jardins, seu urbanismo e a população que lá habita. Entre os textos que tratam das colônias portu-

3 Disponível em: https://gulbenkian.pt/cam/works_cam/retrato-de-antonio-navarro-148148/. Acesso em: 04 mai. 2023.

guesas de ultramar, talvez este seja o que de forma mais incisiva manifesta uma posição de superioridade e de certa fobia dos portugueses em relação às populações autóctones colonizadas, sem que o autor procure eufemizar seus estereótipos:

> África é a pátria da natureza – a mãe de todas as árvores, de todos os arbustos, de todas as flores. Os homens, esses, são elementos secundários. São negros, talvez porque o sol, dourando-os, neles se desfez. São metálicos, dum metal maleável, são quase fantasmas.
> Por isso, talvez, certas capolanas brancas em que as negras se enrolam parece que as humanizam, embelezando-as nesse claro escuro. (*Panorama*, 1941, nº 5-6, p. 85)

Navarro demarca uma gradação entre "as árvores", "os arbustos" e "as flores", que inclui na categoria "natureza", em posição de superioridade em relação aos "homens", considerados "secundários", porque são "negros". Os homens africanos são comparados a um "metal maleável", ou seja, seriam dóceis e insensíveis, o que está sugerido pela frieza do metal. Seriam "quase fantasmas", a quem a humanidade plena não é reconhecida. Os tecidos brancos ("capolanas") em que as mulheres negras "se enrolam" é que as "humanizam", pois as clareiam ("embelezando-as nesse claro escuro"). Essa gradação que coloca a natureza em plano superior aos homens e às mulheres é reforçada pela primeira fotografia que ilustra o texto e mostra um homem africano subindo em um coqueiro; ela traz a seguinte legenda: "Os negros, ágeis, trepam pelos

coqueiros elegantes...” (*Panorama,* 1941, nº 5-6, p. 85). O homem negro é “ágil” e “trepa” à grande árvore, agarrando-se nela, o que sugere sua animalização, enquanto aos coqueiros é atribuído o adjetivo de “elegantes”, sendo humanizados em relação aos negros. Como também a escolha vocabular “enrolar” em lugar de “vestir” as capolanas brancas contribui para aproximar as mulheres africanas do mundo animal.

Em contraste com o homem e a mulher negros, apresentados como inferiores à vegetação e próximos dos animais, o português aparece como construtor, pois “fez o milagre de construir uma cidade em cima dum pântano” e, à medida que os pântanos “desapareciam a cidade tomava forma entre jardins e flores.” (*Panorama,* 1941, nº 5-6, p. 86). Enquanto o português é caracterizado como laborioso, capaz de transformar a natureza a seu favor, o negro pertence ao mundo natural, por isso deve se submeter à dominação colonial:

> [...] o negro é apenas uma sombra que passa, uma escultura tosca em que vivem sentimentos mal definidos, amalgamados num fundo de brancura e virgindade que tanto pode corromper-se como ganhar formas admiráveis e extraordinariamente humanas. Eles tem sido os sacrificados àquela natureza, é bom e legítimo que se lhes marque o seu lugar dentro do quadro da dominação branca. E assim tem procurado fazer-se. A nossa política indígena, humana, não quebrou o fio que Afonso de Albuquerque tão habilmente iniciou. (*Panorama,* 1941, nº 5-6, p. 86)

Afonso de Albuquerque foi um militar, do início do século XV, empenhado na expansão do Império português no Oriente. Assim, Navarro retoma o fio da política imperial, que pressupunha a superioridade do português sobre outros povos, para demarcar a posição de inferioridade do homem negro, que estaria "sacrificado à natureza" e em que "vivem sentimentos mal definidos", os quais podem levá-lo a corromper-se ou ganhar formas "extraordinariamente humanas", se moldados pela obra colonizadora.

Navarro descreve Lourenço Marques como uma cidade "bem portuguesa", "com manjericos nos jardins, de perfume igual aos nossos." (*Panorama*, 1941, nº 5-6, p. 86). Ressalta que o "homem branco" ali se instalou, mas "não teve ainda tempo de pensar no aspecto cultural, que é francamente pobre. E se o ouro, ou o trabalho bruto, podem fazer civilizações, é a cultura que lhes dá forma e as radica." (*Panorama*, 1941, nº 5-6, p. 87)

Coerente com a intenção propagandística da *Panorama*, Navarro convida os portugueses a viajarem: "Ide, ide, portugueses, ver essa terra que é linda - mas levai um sonho que vos embale, que vos proteja, que vos dê força. [...] Ide a Lourenço Marques - vereis beleza e flores e caminhos ainda para rasgar." (*Panorama*, 1941, nº 5-6, p. 87)

O homem negro, para Navarro, não é apresen-

tado como “um mostruário etnográfico” para turistas, como considera Cunha (*Panorama,* 1944, nº 21, p. 73). Talvez apenas as mulheres africanas, embelezadas pela capolanas brancas, e os homens, enquanto trepam nas grandes árvores, seriam objetos do olhar turístico. O foco de Navarro está, mais do que em divulgar uma natureza rica e uma população *exótica* em para o olhar turístico, em sugerir possibilidades de exploração em Moçambique aos portugueses, presentes no apelo ao “sonho que vos embale” para rasgar novos caminhos na terra africana.

Para elaborar a propaganda da terra a ser explorada por novos colonos portugueses, Navarro constrói um discurso que se assemelha ao da Carta de Pero Vaz de Caminha ao rei D. Manuel. Caminha descreve os bons corpos dos indígenas e sua docilidade, pois “carregavam o quanto podiam de lenha, com muito boa vontade, e levavam-na aos batéis” (Tufano, 2000, p. 53). Uma das fotografias que ilustram o texto de Navarro mostra homens negros trabalhando “no campo até ao pôr do sol” (*Panorama,* 1941, nº 5-6, p. 86). No final da Carta, Caminha apela ao rei português para a necessidade de salvar o gentio da terra recém-achada: “o melhor fruto que dela se pode tirar me parece que será salvar esta gente” (Tufano, 2000, p. 61). Também Navarro acentua aspectos como a maleabilidade dos africa-

nos e a necessidade de ser adquirirem formas "extraordinariamente humanas." (*Panorama,* 1941, nº 5-6, p. 85-86)

A descrição de Lourenço Marques, como cidade portuguesa e moderna, seria não só um atrativo turístico, como também um apelo imigratório aos portugueses para se fixarem em Moçambique e assim garantirem o domínio colonial.

7 Cabo Verde

Em "A paisagem do arquipélago de Cabo Verde", o ensaísta José Osório de Oliveira parte do ponto de vista do viajante, que, "a caminho do Brasil" ou "num vapor das carreiras da África Ocidental", faça uma parada em uma das ilhas: "terá, inevitavelmente, uma ideia desoladora do arquipélago de Cabo Verde sob o aspecto paisagístico", pois, à primeira vista, encontrará terrenos áridos, rochosos, de vegetação parca. Contrapondo seu próprio olhar ao desse passageiro apressado, diz Oliveira: "Para nós, mesmo na ilha estéril de São Vicente, em que a vida se limita à cidade do Mindelo e ao seu porto carvoeiro, existe uma beleza." (*Panorama,* 1942, nº 7, p. 44). Quando o viajante se detém nas ilhas, é possível ver beleza nas montanhas rochosas e na luz que sobre elas incide. Pode-se encontrar também a vida rural e os produtos locais, que Oliveira

considera deliciosos:

> [...] em Sant'Iago há férteis, embora escassos oásis. As laranjas dessa ilha, da Cidade Velha especialmente, merecem a fama que tiveram as de Setúbal - tão célebres que até Balzac delas falou! ou o renome que têm hoje as de Valência ou da Baía. Em Cabo Verde é possível, ainda, saborear o café do Fogo - talvez o melhor do Mundo -, ou a aguardente de cana de Santo Antão - o esplêndido "grog", tão bom como o melhor "rhurn" da Jamaica. (*Panorama,* 1942, nº 7, p. 46)

Não há em Oliveira um ponto de vista explícito que sustente a superioridade do colonizador, o que o diferencia dos demais autores. Pode-se dizer que há algo de filia ou até de mania na descrição que Osório de Oliveira faz do arquipélago de Cabo Verde, evidente, por exemplo, ao dizer que o "café do Fogo" talvez seja o melhor do mundo; a aguardente nada deve ao rum da Jamaica e as laranjas são tão boas como as de Sevilha ou da Bahia.

É certo que Oliveira afirma que as ilhas "são pedaços de Portugal", mas sugere certa filia entre portugueses e caboverdianos, pois estes "conservam a qualidade de portugueses". Com esse eufemismo, Oliveira tentaria amenizar as relações entre brancos e negros, sob uma aparência niveladora:

> [...] a mais bela paisagem desse arquipélago africano é a da sua alma colectiva, e a sua maior riqueza natural a sua população de homens do mar, marinheiros ou emigrantes, que conservam sempre a qualidade de portugueses e o amor das almas crioulas – pedaços de Portugal em meio do Atlântico [...]. (*Panorama,* 1942, nº 7, p. 46)

Uma das fotografias que ilustram esse artigo mostra um grupo de mulheres negras lavando roupas em tinas, em um grande chafariz público. A legenda informa: "As pretas (que são excelentes lavadeiras) também têm a sua aldeia da roupa branca." (*Panorama,* 1942, nº 7, p. 46). Assim, embora Oliveira se detenha na paisagem das ilhas e não explicite juízos de valor a respeito da população nomeada como crioula, certa hierarquização étnica é sugerida nessa legenda, ao apresentar as "pretas" como serviçais: "excelentes lavadeiras". É preciso, porém, que Oliveira escreve em uma época em que a política colonial e a visão hierarquizada das raças eram naturalizadas. Pode-se, assim, considerar que Oliveira manifesta uma sensibilidade que procura romper certas barreiras em relação aos preconceitos próprios de seu tempo, revelando certa filia na representação das chamadas ilhas crioulas de Cabo Verde, sem deixar de considerá-las como partes do mundo colonial português.

8 O café colonial e a representação da mulher africana

São frequentes as propagandas dos cafés produzidos nas colônias portuguesas na revista *Panorama*. Uma versão do Café Colonial veiculada a partir de 1942, em página inteira, traz uma ilustração as-

sinada por Aurora Severo, com a legenda: "Preferam sempre café colonial" (*Panorama*, 1942, nº 12, p. 10). A imagem mostra, em primeiro plano, uma mulher negra de corpo bem delineado, que ocupa quase toda a altura do enquadramento. Sua posição sugere movimento, como se acompanhasse um ritmo musical. O que acentuaria sua sensualidade. Ela está vestida com um tecido colado ao corpo, sugerindo transparência, e adornada com braceletes, brincos, colares e tornozeleiras, leva um cesto de grãos de café sobre a cabeça. No plano de fundo, vê-se o desenho de um cafezal. Os grãos de café na vegetação estão pintados de um vermelho leve, que se torna mais vivo nos grãos que estão no cesto. O vermelho acentua a representação luxuriosa da mulher africana. Assim, o foco no produto meramente comercial, o café das colônias, se associa ao produto turístico exótico e sensualmente objetificado, sugerido pela imagem da mulher negra que parece dançar para o observador.

A representação luxuriosa da dançarina africana reaparecerá no conto "Batuque", de autoria do poeta e artista plástico português Albano Neves e Sousa, que viveu em Angola e no Brasil, onde faleceu em Salvador. Sousa ilustra o texto com desenhos, de sua própria autoria, que mostram dançarinas negras. Em "Batuque", destacam-se as personagens Lumina e Lufina. Os movimentos corporais de Lu-

mina são assim descritos: “Os ombros e os quadris movem-se suavemente, em movimentos sinuosos e felinos; pouco a pouco foram afrouxando, e ela ficou-se tremendo toda, como palmeira batida pelo vento” (*Panorama,* 1944, nº 21, p. 39). Depois que Lumina dança, é a vez de apresentar Lufina: “Quando ela aparece nos batuques, os homens só têm olhos para o seu corpo, porque, quando dança, o seu corpo é como fogo vivo.” (*Panorama,* 1944, nº 21, p. 39). As comparações, de teor metafórico, entre os movimentos corporais das bailarinas com a “palmeira batida pelo vento” e o “fogo vivo”, também sugeridas nas ilustrações, intensificam a representação luxuriosa da mulher africana.

Assim, a imagem da mulher africana como objeto de desejo está presente tanto na associação sinestésica dela com os prazeres de um produto mercantil como o café colonial - vermelho no cesto sobre a cabeça da mulher e quente ao ser provado -, quanto na representação de um artista metropolitano, e cosmopolita, que viveu no mundo colonial africano e se afeiçoou a ele, como é o caso de Albano Neves e Sousa.

9 Considerações Finais

Os artigos de Augusto Cunha, Castro Soromenho e António de Navarro, em diferentes graus, demar-

cam uma superioridade da civilização portuguesa sobre a suposta vida primitiva dos africanos. Apesar do interesse que demonstra Soromenho pela paisagem e pelos costumes de Angola, suas escolhas vocabulares revelariam uma fobia mais contundente na representação dos africanos que Augusto Cunha no "panorama" que constrói da África portuguesa. Por exemplo, ao tratar do homem negro e de seus costumes, Soromenho o qualifica como "sempre estranho", levando uma "vida sombria" e fadado a um "destino miserando" (*Panorama,* 1941, nº 1, p. 44-45), enquanto Cunha (*Panorama,* 1944, nº 21, p. 73) fala em "mistérios impenetráveis", o que pareceria mais tolerante em relação à aceitação do estrangeiro. Cunha se refere às expressões artísticas dos povos africanos como "todas as suas insuspeitadas manifestações de arte e de bom gosto" (*Panorama,* 1944, nº 21, p. 73), sugerindo certa filia, diferentemente de Soromenho que acrescenta adjetivação depreciativa ao mencionar as "vozes" e os "batuques infernais" (*Panorama,* 1941, nº 1, p. 45) dos africanos.

António de Navarro tece gradações inferiorizando as populações de Moçambique em relação ao interesse que a natureza dessa colônia africana poderia despertar no turista. Navarro enfatiza também oportunidades para portugueses emigrarem para Moçambique, apresentando os africanos como ho-

mens que podem "trepar ágeis" nos coqueiros e trabalhar "no campo até o pôr do sol" (*Panorama,* 1941, nº 5-6, p. 86). Representa os africanos como inferiorizados em relação ao colonizador, que poderá, no entanto, dispor dessa mão de obra para operar sobre a natureza e, assim, contribuir para a humanização dos colonizados.

José Osório de Oliveira é uma voz que se poderia considerar sutilmente dissonante em relação aos demais autores cujos textos foram aqui analisados, pois expressa aspectos de filia em relação às paisagens, aos produtos e aos *crioulos* de Cabo Verde. Nesse sentido, diferencia-se sobretudo de Navarro e de Soromenho, cujos textos, embora possam revelar certa ótica de deslumbramento (Pinto-Correia, 2003) em relação à natureza e às populações colonizadas na África, demonstram também visões depreciativas sobre elas.

A representação da mulher africana como luxuriosa e objeto de desejo sexual do colonizador, claramente perceptível na propaganda do café colonial, no conto "Batuque" e nos desenhos que o ilustram, de autoria de Albano Neves e Sousa, não está completamente ausente de uma das fotos do artigo de Soromenho, em que se veem mulheres africanas com seios à mostra. No entanto, Cunha descreve as mulheres com seios à mostra como tendo penteados sóbrios e "expressões másculas" (*Panorama,*

1944, nº 21, p. 28). Já Navarro intenta inibir o desejo que elas possam despertar ao dizer que são as capolanas brancas em que "se enrolam" que as embelezam e humanizam, "nesse claro escuro" (*Panorama*, 1941, nº 5-6, p. 86), o que seria uma tentativa de negar o desejo cobrindo a mulher com a pureza a que o branco comumente se associa.

REFERÊNCIAS

BLOCH, Ernst. *O princípio esperança I.* Tradução de Nélio Schneider. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

CADAVEZ, Cândida. *A bem da nação. As representações turísticas no Estado Novo entre 1933 e 1940*. 360p. Tese de Doutorado no Ramo de Estudos de Literatura e de Cultura, na Especialidade de Ciências da Cultura. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2013.

CRISTÓVÃO, Fernando. Introdução: Para uma teoria da literatura de viagens. *In*: *Condicionantes culturais da literatura de viagens.* Coimbra: Almedina, 2002.

ENZENSBERGER, Hans-Magnus. Uma teoria do turismo. *In*: *Com raiva e paciência*. Tradução de Lya Luft. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

MACHADO, Álvaro Manuel; PAGEAUX, Daniel-Henri. *Da literatura comparada à teoria literária*. Lisboa: Edições 70, 1988.

PANORAMA: revista portuguesa de arte e turismo. Lisboa, Portugal: Edição Mensal do Secretariado de Propaganda Nacional, de 1941 a 1949. Disponível em: https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/Panorama/Panorama.htm.

PINTO-CORREIA, João David. Deslumbramento, horror e fantasia – o olhar ingénuo na literatura de viagens. *In*: CRISTÓVÃO, Fernando (coord.). *O olhar do viajante* – dos navegadores aos exploradores. Coimbra: Almedina, 2003.

TUFANO, Douglas (org.). *A carta de Pero Vaz de Caminha*. São Paulo: Moderna, 2000.

VICTORINO, José Guilherme. *Propaganda e turismo no Estado Novo:* António Ferro e a revista Panorama (1941-1949). Lisboa: Alêtheia Editores, 2018.